

Igreja Batista do Méier

Rua Hermengarda, 31 - RJ
Cep 20710-010

Telefax: (21) 2599-3000

Site: www.batistadomeier.org.br

email: igreja@batistadomeier.org.br

Organizada em 25 de dezembro de 1918.

Horários:

Domingos:

EBD - 8h, 9h15
Cultos - 9h, 11h e 19h
Secretaria 8h30/13h

Terças:

Cultos de Oração 6h30 e 14h

Quartas:

Quartas de Vida Plena, 19h30

Os cultos e eventos são transmitidos ao vivo, gravados, fotografados e divulgados pelo site e redes sociais da igreja.

MISSÃO

Chamados para Transformar Vidas

VISÃO

Ser uma família que celebra a vida com Cristo, que compartilha o amor de Deus e vive para fazer diferença no mundo em que está.

VALORES

Alegria, Amor, Comunhão, Discipulado, Fé, Hospitalidade, Humildade, Integridade, Maturidade, Palavra, Serviço

Pilares Ministeriais da IBMéier

EKKLESIA (Igreja) – Ser Povo de Deus, Corpo de Cristo, Morada do Espírito Santo.

KOINONIA (Comunhão) – Viver em comunhão a fim de compartilhar o amor de Deus.

DIAKONIA (Serviço) – Servir aos domésticos da fé e ao próximo por meio dos dons espirituais para supri-los em suas necessidades integrais.

MARTIRYA (Testemunho) – Proclamar o poder transformador de Deus em Cristo por meio do testemunho pessoal, de ações coletivas de evangelismo e do sustento da obra missionária local e no mundo.

Ministérios

Pastor João Reinaldo Purin Jr

Administração

Mary Ruth A. dos Santos Schulze

Adoração e Culto

Luis Armando de Oliveira

Comunhão

Rute Ferreira

Diaconal

Renato Antunes dos Santos

Ensino e Discipulado

Pr. Pedro Jorge

Evangelismo e Missões

Livia Fontes Farias

Arte

Luiz Menezes



/ibmeier



chamados para transformar vidas.



chamados para transformar vidas.

MARCA

VISTO & não VISTO

Gosto de caminhar. Um lugar que tenho usado para minhas caminhadas é ao redor do Engenhão. Espaço bem democrático: encontramos gente de todas as idades e condições físicas. Alguns passam correndo, outros em ritmo acelerado, algumas mulheres passeando e falando, melhor dizendo, conversando. Vou no ritmo moderado, três voltas e caminho de casa. As roupas femininas são interessantes: vão dos trajes esportes tradicionais às calças para lá de coloridas, tênis ofuscantes ao sol e meias de algodão que vão até perto dos joelhos e por cima das calças. Às vezes tenho vontade de perguntar se são realmente confortáveis; fico quieto, vai que interpretam como assédio. Os trajes masculinos, prezamos pela falta de criatividade: short, camiseta e tênis comuns. Ah, mesmo quando em grupo a conversa é bem reduzida. Diferenças. Como moro perto do estádio inicio minha caminhada ao sair de casa. Atravesso a linha férrea pelo acesso da Estação de Engenho de Dentro, desço a rampa e sigo em direção ao portão leste do estádio. Temos a tendência de manter comportamentos padrões: sentarmos no mesmo lugar nos cultos, caminharmos na mesma direção. Dobro a primeira esquina, logo depois do Museu do Trem, e percebo algo que me leva a pensar enquanto caminho. Olhando para o chão vejo marcas de folhas de amendoeiras na calçada. Elas são de profundidades diferentes: você observará nas fotos que uma deixou uma marca bem forte, e outra uma marca tênue. Enquanto caminho, medito. A marca mais suave foi deixada logo após um período de chuvas. As folhas da amendoeira ficam amarelas e caem; quando permanecem na calçada e chove elas soltam um corante que forma uma mancha no formato da folha. Você encontrará algumas dessas marcas ao redor do estádio; vale a pena uma caminhada por lá. Essas marcas são temporárias: são apagadas pelos pés que passam, vassouras que varrem, chuvas que lavam. Em questão de poucos dias elas não mais são encontradas, muito embora outras surjam no processo de renovação da folhagem das árvores. A marca mais profunda é permanente, passo por ela há muito



tempo. Ela foi formada quando da feitura da calçada: cimento fresco, a folha cai e, mesmo leve, consegue penetrar alguns milímetros na calçada. Obra em construção acelerada não se preocupará com esse detalhe: nem pensar em retirar a folha e reparar o cimentado, se é que alguém na época viu algumas folhas caídas no cimentado feito no dia anterior. Sorte a minha, ficou algo para eu me deleitar toda vez que passo por ali. Em nosso viver recebemos e deixamos marcas. Nossa história familiar promove muitas marcas: com algumas delas nos alegramos, outras gostaríamos de esquecê-las. O lugar em que passamos nossos primeiros anos de vida: cresci num bairro de periferia, residencial, onde todo mundo sabia da vida de todo mundo, portas sempre abertas, literal e figuradamente falando. As escolas onde escrevemos nossa trajetória estudantil: sempre estudei em escolas públicas, de todas tenho marcas, especialmente da

EPCAR, cursada na adolescência e em tempo integral; acrescento-se que é uma escola militar. Locais de trabalho são acrescentados na medida que crescemos; lembro-me do tempo de Banco do Brasil e de minha mudança para o ministério. Amigos, colegas e eventualmente alguns inimigos nessa caminhada nos marcaram, enquanto nós os marcamos. Como em nossa calçada do Engenhão, algumas marcas foram tênues, outras profundas. Marcas vivenciais tênues se perdem em nossa memória; não demos grande significado ao fato e na primeira chuva mais forte elas foram levadas. Marcas vivenciais profundas permanecem em nossas mentes e corações. Algumas são dolorosas e podem causar enfermidades físicas, emocionais e espirituais. Rejeição na infância, quando não tratadas e superadas, promovem um sem número de adultos adoecidos, infelizes em seus relacionamentos, sofrendo e causando sofrimento. Agressões físicas e emocionais na infância explodindo em atos agressivos e destrutivos na adultice. Abuso moral e sexual nos primeiros anos de vida desvirtuando a expressão da sexualidade na adolescência e juventude, as vezes alimentando uma vida licenciosa, masoquista ou sádica. Marcas profundas que precisam de tratamento, precisam ser reparadas. Torna-se necessário fechar as lacunas, alisar o cimentado; você olha, percebe a diferença, é uma nova calçada. Não se trata de negação, é reconstrução de uma nova vida. Ah, as marcas mais profundas e agradáveis, quanto bem fazem à nossa alma, nosso corpo, nosso espírito. A casa na árvore que construí no quintal de casa - foi numa mangueira, devia ter uns doze anos. As brincadeiras nas ruas do bairro sem qualquer preocupação com a violência, os amigos que tive e que hoje se espalham pelo mundo - a globalização da amizade. A construção de uma nova família: casamento e chegada dos filhos, acréscimo com genro e nora, agora a chegada dos netos e neta. Marcas que alimentam uma saudade gostosa e edificante, marcas que renovam a esperança quanto ao futuro. Penso também em marcas que tenho deixado ao longo de minha história de vida. Marcas enquanto filho. Marcas enquanto amigo. Marcas enquanto esposo e pai. Marcas enquanto irmão germano e irmão em Cristo. Marcas enquanto ministro. Nessa hora dois textos bíblicos pululam em minha mente, fazem meu coração pulsar mais rápido, desafiam meu espírito. Tenho virtudes e defeitos, acerto algumas e erro outras; como trabalhar o texto de Provérbio 27.2 enquanto avalio minha vida? “Deixe que outro o elogie, e não sua própria boca; alguém desconhecido, e não seus próprios lábios”. Não posso expressar uma falsa humildade; o apóstolo Paulo, sempre muito direto, afirma: “Sejam meus imitadores, como eu sou imitador de Cristo” (1Co 11.1). Eu quero deixar marcas profundas e significativas em vo-



cês, olhem para mim. Aos gálatas, admoesta: “Quanto ao restante, que ninguém me importune, pois trago no corpo as marcas do sofrimento de Jesus” (Gálatas 6.17). Tem um grupo entre vocês que se orgulha na circuncisão, isso é coisa nenhuma; sou marcado pela pertença a Cristo. Surgiram outros pensamentos, mas isso é outra história

Pedro Jorge, Pr.